ANO XV — SABADO, 26 DE FEVEREIRO DE 1916 — NUMERO 286

A Lanterna

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE SOCIAL

PUBLICA-SE AOS SABADOS
Red. e adm.: Rua 21 de Abril, 61, (Braz)
Numero avulso: Da semana, $100; atrasado, $200
A inserção de anuncios na 4.ª pagina é feita mediante preços convencionados

Director: EDGAR LEUENROTH
ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 195 — S. PAULO (BRASIL)
ENDEREÇO TELEGRAFICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:
ANO, PARA TODO O BRASIL. 10$000 | SEMESTRE, IDEM . . . . 6$000
PARA O ESTRANGEIRO, ANO . . . . 15$000
O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente



— E foram os meus que o fundiram!...

Ainda a proposito do famoso imposto

Depois da agitação feita pelos negociantes varejistas contra a lei do imposto de comercio, esta questão ficou na situação ideal desejada pelos governantes de S. Paulo.

O pequeno comercio do interior, e da capital, reunido em congresso, outorgou plenos poderes á União Comercial dos Varejistas para oportunamente decidir se sim ou não deve o imposto ser pago.

Dessa associação deve, pois, partir a palavra de ordem.

Não é necessario muita argucia para prever desde já o que vai suceder.

A União Comercial dos Varejistas é, praticamente, representada pelo sr. Henrique Braga, Manuel Cruz e Luiz Gonzaga Barros Marques, respectivamente presidente, secretario e guarda-livros dessa sociedade.

O sr. Henrique Braga é irmão do sr. P. Braga, *factotum* do Centro do Comercio e Industria, agremiação dos tubarões da finança que, por conveniencia propria, desejam ver a lei executada.

O sr. Manuel Cruz é um pequeno negociante, que depende dos atacadistas seus fornecedores, filiados ao centro já referido. Se tentar resistir ás solicitações destes, correrá o risco de ver o seu credito cortado e de ser perseguido pelos agentes do fisco.

O sr. Luiz Gonzaga, como empregado da sociedade, terá de se inspirar na vontade dos seus directores, se não quizer perder o emprego.

Estas tres pessoas, no momento presente, são o poder executivo da União Comercial dos Varejistas.

São tres homens cuja honestidade não pretendo discutir, mas imcapazes de resistir á forte influencia que sobre eles, neste momento, já está sendo exercida pelos governantes deste Estado e por aqueles a quem esta lei meteu centenas de contos na algibeira.

Bem disse o Conselheiro Acacio: «A lei será executada».

O sr. Julio de Mesquita, não obstante a sua grande habilidade, perdeu o seu latim, o povo paga o pato, o sr. Cardoso de Almeida ganhará um palacete.

E é assim mesmo que deve ser, porque está dentro da logica.

O sr. Julio de Mesquita perde o seu latim, porque ha muitos anos que a sua acção social se vem resumindo em incensar os mesmos homens que ele hoje ataca, aconselhando ao povo todo o acatamento e veneração á tal gente.

O povo não póde crer com grande entusiasmo que o «venerando brasileiro», o «estadista notavel» de hontem, se transforme hoje no perú dorminhoco, no politiqueiro tacanho, na ratazana que prolifera camondongos á volta do Tesouro.

O povo paga o pato, porque é burro, e quem é burro peça a Deus que o mate e ao Diabo que o carregue.

Quando o sr. Julio de Mesquita está em comandita com o governo o povo acredita-lhe nos sermões apologeticos e, assim sendo, não é de estranhar que fique neste momento feito besta, meditando se esse senhor está troçando ou dizendo a verdade sobre o imposto.

E, na duvida, vai pagando porque é o mais pratico.

O sr. Secretario da Fazenda ganhará um palacete — e ele bem o merece.

Peor do que ingratidão, seria um catote pregado por aqueles que lhe encomendaram a lei, se não cumprissem o seu dever. Negocio é negocio.

Com prejuizo do fisco, com risco da sua carreira politica, ele, que demais a mais, vive do pão de cada dia, está conseguindo, sabe Deus como, distribuir uma fortuna respeitavel por alguns individuos.

Seria humano que estes o traissem, não lhe pagando a comissão devida?

E, depois, isso é do uso — e o uso faz a lei.

O sr. Lins tambem ganhou, o Marechal tambem.

O mineiro honesto que se chama Bueno Brandão, os administradores exemplares Nilo Peçanha e Antonio Prado, restauraram a sua fortuna arruinada por esse processo, que nada tem de parecido com o posto em pratica pelos *apaches*.

A téo falecido «Messalina», da rua 25, que, não ha muito tempo, mendigava niqueis nas casas de tavolagem, morreu rico — não na cadeia — mas no seu confortavel palacete pago pelo Tesouro, sob a rubrica «Publicações».

Depois que sr. Julio de Mesquita ralhou e jogou as bulhas com os seu parceiros de industria, disse na prosa muito dele, sempre *sincera*, deliciosa e atraente que, nos ultimos tempos, (eu penso que sempre assim foi) e em todas as partes, a missão de todos os governos se limitava a uma arte mais ou menos aperfeiçoada de enganar os povos.

Zeno, o ex-diplomata da honrada monarquia portuguesa, afirmou pleno de coerencia, com o seu apregoado reacionarismo, que a guerra europeia era uma pendencia entre salteadores. Cada general, disse ele — «é um capitão de ladrões e cada diplomata um vulgar *pickpocket*».

«Verdades santas em boca pecadora».

Se os productores tivessem o bom senso de ouvir o sr. Julio de Mesquita e o sr. de Santo Tirso (Zeno) só quando falta a estes o osso para roer, nem o imposto de comercio nem imposto nenhum mais seria pago.

A tal arte mais ou menos aperfeiçoada de enganar o povo está agora (como sempre) sendo posta em execução para fazer passar o imposto.

Os artistas não são aguias de largos vôos (nestes tempos de crise geral, as aguias aninham-se nas albardas dos burros, e não como antes, nas cumiadas dos montes) mas, para quem é, bacalhau basta.

Para enganar um taverneiro não ha como outro taverneiro.

Os exactores teem ordens formaes para atender este ano a todas as reclamações.

As casas colectadas em 1.ª classe, requerem e conseguem passar para a 2.ª ou 3.ª; confeitarias serão lançadas como casas de confeitos; casas com filiais solicitam e obtêm isenção para estas.

Quebra-se assim a coesão na resistencia á lei, fraccionaram-se e desorientam-se as vontades; uns pagam, outros discutem e no fim todos cedem.

No ano que vem a lei já tem direitos adquiridos e, então, todos pagarão á vontade dos exactores. Será o momento de se cumprirem rigorosamente as palavras do Conselheiro: «A lei será cumprida».

Bem se sabe que se os 50 mil varejistas do Estado de S. Paulo recusassem terminantemente o pagamento, não se animaria o governo a mandar expedir outros tantos mandados executivos, porque tal acto viria criar uma situação revolucionaria que os piolhos gordos do Estado não desejam enfrentar; mas quem se poderá iludir com a conducta futura dos directores da União Comercial dos Varejistas?

Amanhã, sob a cabala governista e da alta finança eles lançarão aos quatro ventos a palavra de ordem: «Paguem, visto que o governo atendeu equitativamente a todas as reclamações justas.»

E todos pagarão, e a lei terá passado.

Resultado liquido:

Os negociantes, com a desinvoltura que lhes é peculiar, cobrarão mais caro pelas mercadorias, e o trabalhador, o productor aguentará com essa carga mais.

E é sempre assim.

O comerciante, o proprietario de casas de aluguel, o capitalista em geral, não paga imposto algum, porque todos os impostos êle inclue no preço da mercadoria, no aluguel da casa ou no juro do emprestimo.

Todavia esse mesmo capitalista, principalmente o pequeno comerciante e o pequeno proprietario, têm interesses opostos ao fisco, porque quanto mais precaria é a vida do trabalhador mais calotes forçados (o termo é improprio) este prega naqueles.

Os parasitas mais completos, mais repugnantes das sociedades de propriedade privada são, incontestavelmente, os piolhos de engorda de toda a especie que vivem á teta do Estado.

São animais que só consomem, nada produzindo que seja util.

Helio Negro.

Ecos & Notas

PLUMITIVO IDIOTA

A crise politica que provocou a scisão no partido dominante deste Estado serviu para muitos politiqueiros se fazerem de Madalenas arrependidas.

Foi o que sucedeu a um plumitivo agora com a sua tenda assentada na *A Nação*, onde quasi diariamente ocupa o posto de honra.

Assina-se ele *A* e está procurando, por tabela, cair nas graças da conselheiresca criatura colocada á testa da camorra dominante e a quem ele, então como Alberto de Souza, atacou furiosamente ha coisa de um lustro.

Empenhado em comprometer o *Estado de S. Paulo*, o temeroso adversario politico da agrupação dominante, o vulgar plumitivo burguez tem trazido á bailr, por varias vezes, o nome da *A Lanterna*, pretendendo, assim, com um recurso de polemista barato, desprestigiar perante a acomodaticia gente conservadora, o burguezissimo e conservador orgão do sr. Julio de Mesquita.

Mais idiotice não se póde esperar de quem gosa da fama de jornalista de pulso.

O individuo é tão paspalhão que, ao mesmo tempo que afirma estarem os seus dignos parceiros do *Estado* aliados aos «panfletarios anarquicos da *A Lanterna*, insiste em apresentar o nosso amigo Benjamin Mota como director da nossa folha.

A preocupação do fulano é de fazer jús a um lugar entre a corja do casarão da praça Dr. João Mendes, por isso tanto se lhe dá dizer isto como aquillo. O importante é atacar os adversarios dos cezares da época, de quem precisa conseguir a proteção.

Causar-nos-ia asco, se não nos inspirasse piedade.

♛ ♛ ♛

PEDIR PERDÃO, NUNCA

Na cadeia de Ribeirão Preto está cumprindo, ha já bastante tempo, uma pena a que o condenou a justiça desta madrasta organização social, um infeliz atacado pela tuberculose em estado bastante adiantado.

Chama-se Antonio Egidio da Silva e pede tambem o nosso concurso no sentido de conseguir, do presidente do Estado, o perdão do tempo que ainda lhe resta para saldar a sua conta com o codigo da burguesia.

Se o pobre encarcerado conhecesse os principios que esposamos, não pediria o nosso apoio para obter o perdão do chefe do governo.

Nós não admitimos, na classe dominante, o direito de condenar, por isso não podemos a ela recorrer para que perdoe culpas que são consequentes da má organização da sociedade.

Para protestar e reclamar a liberdade de quem quer que seja que esteja encarcerado — estaremos sempre prontos. Para pedir perdão, nunca.

Os governantes, de qualquer jaez, nós só os conhecemos para combatelos sem transigencias.

♛ ♛ ♛

RECURSO DE VELHACOS

Paulo Mazzoldi, director de *Il Piccolo*, diario desta cidade, está, desde ha alguns dias, preso na cadeia publica, em consequencia da falencia de *Il Giornali dell'Italiani*, de cuja redacção esteve á testa.

Essa jornalista, mais conhecido pelo seu pseudonimo — Rusticus, tem se destacado no meio acanhado do jorlismo paulistano pela sua inteligen- e cultura e pela franquesa com que trata de todos os assuntos.

Daí a simpatia que nos inspira, apesar da divergencia de principios existente entre nós e ele, e a ogerisa que lhe votam certos pantafaçudos apatacados da colonia italiana.

Foi um desses tipos de engorda e de museu que conseguiu levar á cadeia o jornalista irreverente.

Como não podem fazer calar a critica ás suas maroteiras com o seu ouro, tentam abafa-la com a prisão.

Miseras criaturas!

♛ ♛ ♛

O PRINCIPE DA CLERICANALHA

Por entre as pompas principescas de sacerdote maximo do mitologico filho da estrebaria de Bethleem e as honrarias do oficialismo asafardanado — por aqui passou, ha dias, o cardeal que o Barão do Rio Branco comprou ao Vaticano, para o Brasil, por uma respeitavel fortuna.

O sr. de Arcoverde abandonou o nababesco socego do seu luxuoso palacio da Gloria, no Rio, para ir a Uberaba assistir a um congresso de formigões coroados lá realizado para comemorar o jubileu parasitario do bispo daquela zona de vasta cavação clerical.

Por toda a parte foi o principe ultramontano festejado pela canalha graúda, pelos bandidos que enriqueceram á custa do alheio trabalho e pela massa imbecilizada pela estupidez religiosa.

Aqui só faltaram beijarem-lhe o serafico trazeiro, tendo-lhe o presidencial cavanhaque concedido uma audiencia especial e amistosa.

Em Uberaba a lança de um carro nos ia livrando de tal sujeito, quasi atravessando-lhe as santas costelas. Infelizmente, porêm, o bruto escapou ileso, certamente por algum milagre de Nossa Senhora do Pito Aceso.

Palavras e actos

> Hoje estou vivo; amanhã talvez desaparecerei e voltarei para o lugar de onde vim.
>
> Enquanto viver, sei que amando os homens, sinto-me alegre e calmo. Por isto, enquanto viver, quero amar e ser amado. E eis que certos homens chegam-se a mim e me dizem: «vem conosco pilhar, executar, matar, guerrear; tu disto aproveitarás; e se não fores tu, será o Estado que aproveitará.» — «Que Estado? Que dizeis vós? perguntará todo homem que não tenha perdido seu bom senso. «Deixai-me em paz e não me façais ouvir semelhantes absurdos e vilanias.»
>
> *(L. Tolstoi).*

Estando a ler um jornal europeu, deparei com uma estatistica relatando o numero de vitimas que a actual guerra já tem feito. Este numero elevase á impressionante cifra de nove milhões, para mais e não para menos, de seres humanos atingidos pela conflagração europeia.

Com um movimento de horror, de profundo abatimento moral e de desanimo, atirei para o lado o jornal e puz-me a [illegible] estar a gente a querer o que os scepticos chamam — o impossivel, — isto é, fazer ver ao povo coisas que ele ainda não póde compreender no estado de atrazo mental em que se acha e que é e será propositalmente mantido pelas classes que governam enquanto elas existirem.

Estava assim mergulhado nas minhas reflexões, neste estado de alma que precede a resignação que se apodera do vencido, quando o meu olhar caiu sobre um dos livros que costumo com imenso prazer folhear e que já ha muito havia deixado em meu espirito uma forte impressão. Este livro foi escrito por Tolstoi e tem por titulo *Ultimes Paroles*.

Tolstoi, pensei, o grande russo, o anarquista cristão, como ele se denominava, o homem que não admite, em nenhum caso, a violencia, que esquece a essencia da natureza humana, particula que é da grande força, força harmonica, sim, porêm brutal e insensivel ao extremo; Tolstoi o manso, o evangelico, nestes tempos de brutalidades e de violencias sem limites, talvez seja um consolo reler o que o seu grande coração sentiu.

Peguei na obra e abri-a. No alto da pagina 153, á margem, lê-se o que transcrevi acima. Nestas paginas e nas duas outras que se lhe seguem o filosofo de Isnaia Poliana relata o seguinte episodio, para muitos banal, acto de sectarios religiosos sem valor pratico imediato, episodio passado na Austria ha poucos anos, na muito cristã, na catolissima Austria, no grande esteio do papado:

«Ha alguns anos, um joven da seita dos Nazarenos, tendo recusado o serviço militar em companhia de diversas centenas de seus correligionarios, foi metido em uma prisão juntamente com eles.

A mãi do moço, tendo vindo ver seu filho, a sentinela apiedou-se dela e deixou-a aproximar-se da janela de onde o podia ver. Em lugar de se lamentar sobre sua sorte, de reprochar ao filho te-la abandonado, gritou-lhe: — «Não toques em um fuzil, meu coração de ouro! pensa em Deus!»

O filho escutou sua mãi, assim como sua consciencia, e permaneceu na prisão para terminar os quinze anos de detenção a que tinha sido condenado pelos tribunais austriacos.»

Que belissimo exemplo de firmeza de principios, de coerencia com a fé livremente abraçada por parte destes simples e obscuros herois!

Esta mãi e este filho tinham compreendido e seguiam á risca o que o seu Deus, isto é, a sua consciencia lhes impunha: o dever de não matar jamais o seu proximo, e preferiam sofrer a infamia, a afronta, o martirio a infringir o grande mandamento.

Ah! se todos aqueles que se julgam cristãos tivessem recusado, ha dezoito mezes atraz, pegar em armas, como fizeram estes nazarenos austriacos!

Por certo não estariamos a assistir á louca, á estupida orgia de sangue que jamais foi vista sobre a face do planeta que habitamos.

Uma coisa está provada com esta guerra: é que o africano, o asiatico, o negro como o amarelo não são mais deshumano do que o ocidental. Desde as cruzadas e as guerras de religião da idade média até aos nossos dias pouca modificação, quasi nenhuma, é mais justo dizer, se nota no tundo de crueldade que herdamos dos nossos antepassados; a guerra actual é disso um exemplo vivo, frisante.

Não acreditamos que nenhum chim, nenhum nubio, nenhum marroquino possa ultrapassar as atrocidades que praticaram e de que foram vitimas os habitantes das cidades, vilas e aldeias invadidas pelos exercitos de civilizados cristãos contra cristãos.

Isto prova que as grandes potencias continuam a ser vastas aglomerações de salteadores, cultivando antes de mais nada o grosseiro sentimento patriotico que as impele umas contras as outras, impedindo-nos de ter consciencia do que somos e da nossa solidariedade para com toda a humanidade. Assim as qualificou Tolstoi, referindo-se á bem recente ocupação da Bosnia e da Herzegovina prevendo a catastrofe actual.

E' evidente não ser possivel evitar a violencia, por ser antinatural, nem que se possa, por exemplo, fazer uma revolução, sobretudo como a economica, a mais importante e dificil de todas, sem o emprego da força, sem recorrer-se á violencia, pois que esta não é mais do que o resultado da acumulação de forças que chegaram a um estado potencial capaz de romper a resistencia de energias contrarias. Porêm não resta a menor duvida de que se todos os cristãos estivessem suficientemente, logicamente compenetrados dos seus deveres morais e sociais, por certo que as guerras entre eles pelo menos ha muito teriam passado para o rol das coisas desaparecidas, como o foram as fogueiras da Inquisição, os esquartejamentos na praça publica, a escomunhão com toda as suas terriveis consequencias, a escravidão que reduzia o homem ao estado de animal domestico, de propriedade sujeita ao regimen da compra e da venda.

Temos fé, grandes esperanças de como estamos em vesperas de grandes coisas, do despertar da consciencia universal para o Bem e que após o horror dos dias calamitosos que atravessamos uma aurora de paz despontaiá anunciando um mundo novo a suceder ao actual tão cheio de sangue e de miserias.

Esta será a obra dos bons, dequeles que quizerem se recusar, por actos, como os Nazarenos, a praticar o mal.

Rio, 7—2—916.

Adrecal.

Uma coleção da "A Lanterna"

RESTA-NOS APENAS UMA UNICA COLEÇÃO DA NOSSA FOLHA DAS QUE DESTINÁMOS Á VENDA.

SÃO OS SEIS ANOS DA PRESENTE FASE (16-10-909 A 19-10-915) ENCADERNADAS EM QUATRO VOLUMES.

VENDEMO-LA POR 70$000, QUE É O CUSTO DA ASSINATURA E A DESPESA DA ENCADERNAÇÃO.

O "avacalhamento" do povo

Já ninguem mais duvida do abatimento moral em que caiu o povo brazileiro, outrora tão cioso na defesa dos seus interesses e dos seus direitos.

Este sintoma de morte moral atribue-se ás agitações politicas em que o povo sempre tem sido o docil instrumento dos chefetes que imperam por toda a parte e das quais sempre tem sido logrado.

A etiologia poderá registrar outros factores, mas este é um dos principais que a atenção inteligente do observador atento descobre.

A desharmonia que predomina em todas as classes e o sceticismo que róe todos os homens, têm, sem duvida, a sua origem num grande mal superior ás fracas resistencias do meio.

Um segundo factor é, tambem, certamente, a diversidade dos caracteres, dos costumes, consequente da promiscuidade de nacionalidades, sem falarmos na mistura de raças de que é habitado o Brazil.

O estudo e a observação têm demonstrado que é impossivel desenvolver no individuo aquilo que ele não teve em germem, ou por outra, que ele não recebeu hereditariamente.

Ora, o sentimento da escravidão é todavia muito vivo nos homens que governam o paiz, portanto, não é de se extranhar que as leis manipuladas pelas consciencias desses escravecratas só tenham um fim: o de escravizar e roubar o povo com leis que restringem cada vez mais a liberdade e com impostos onerosos que arrastam todos á miseria.

Assim, pois, vemos o governo da União sobrecarregar de impostos todas as mercadorias, o Estado ainda mais e o Municipio ultrapassar todos os limites do bom senso. Dir-se-á que somos governados por uma quadrilha de ladrões que se legalizam com as leis fabricadas por eles e impostas ao povo.

E o povo assiste impassivel á espoliação das suas economias, do seu trabalho, com a restrição dos seus direitos e de suas liberdades, sem um gesto de revolta e de indignação!

O povo guerreia-se na concorrencia de braços, na producção, em todas as divisões do trabalho para entregar o fruto do seu suor e de suas fadigas ao polvo da União, do Estado e do Municipio.

Depois todos se lamentam, todos se queixam, mas são incapazes de se organizar, de estabelecer uma solida solidariedade para a defesa comum dos seus direitos. E isto porque está na fase do seu completo "avacalhamento".

J. Jubert.



OS SATIROS TONSURADOS

UM VIGARIO ENGRAVIDOU UMA MENINA DE DOZE ANOS

Num hospital de Belo Horizonte

O Diario, de Belo Horizonte, publicou a seguinte noticia, que reproduzimos para mais uma vez consagrar a santidade clerical:

«Chegou, ha alguns dias, na Santa Casa, uma menor que, quando muito, poderá contar uns 12 anos de idade

Não obstante tão pouca idade, a menina aparentava adiantado estado de gravidez.

Acaba-se de verificar que a menor fôra seduzida por um vigario residente nas imediações da capital.

Ao que nos parece, ha na Santa Casa grande interesse em impedir o estouro do escandalo.»

A pessoa que nos remeteu o numero do jornal citado acha merecedores de destaque os pontos referentes á idade da vitima do satiro de batina e ao abandono em que ele a deixou.

São todos assim esses miseraveis: dizem-se escravos da abstinencia, mas para saciar a sua concupiscencia praticam as maiores infamias, sacrificando indefesas criaturas, que atiram á prostituição, e até crianças.



A QUESTÃO DO MOMENTO

Agitação contra mais um assalto do fisco

Os comicios da União Geral dos Trabalhadores teem tido bom exito — Um defensor do governo mal sucedido — O silencio da imprensa — Os comerciantes se acomodam... e o povo terá de agir decididamente

Está sendo coroada de bom exito a agitação que ao redor da momentosa questão do imposto do comercio iniciou a U. G. dos Trabalhadores.

A' grande assembleia obreira realizada num salão do Braz, seguiu-se o numeroso meeting do largo da Concordia, no mesmo bairro. Ainda melhor sucedido foi

O comicio do largo da Sé

— realizado no domingo, 13 do corrente, pelas 19 horas, com grande concorrencia e o indifectivel aparato policial.

Este comicio tomou, a certa altura, uma feição diversa dos que temos realizado.

Nele fizeram uso da palavra varios companheiros, falando alguns em espanhol e italiano, em vista de ser grande a assistencia dos elementos que falam esses idiomas.

O que disseram esses oradores, todos eles operarios sujeitos ás grandes vicissitudes da penuria social, é de imaginar. Estigmatizando com desassombro a acção aladroada dos governantes, que esbanjam á larga nas suas orgias, aumentando depois a tributação, de que o povo sofre todas as consequencias, estenderam-se em considerações de indole libertaria, aconselhando o proletariado a arregimentar-se em potentes agremiações de luta contra a tirania e a exploração da classe burguesa.

Como nos comicios operarios a palavra é livre, subiu á improvisada tribuna um cidadão que desde logo se colocou em choque com a assistencia.

Pelo modo de se apresentar, viu-se imediatamente tratar-se de um enviado directo ou indirecto da gente que está de cima.

O homenzinho, pretendendo defender o presidente do Estado, quiz aconselhar o povo a ter confiança nos dominadores da situação, de quem podia tudo esperar.

A resposta não se fez esperar: uma vaia tremenda abafou as palavras do defensor do governo.

Um companheiro pediu então ao povo que o ouvisse com paciencia, pois não faltaria quem depois o rebatesse convenientemente.

O homem recomeçou então a falar, mas as suas palavras eram tão irritantes que a vaia não se fez esperar.

O mesmo companheiro aludido tomou a palavra e, com o aplauso caloroso do povo, rebateu o que o vaiado patrono do governo conselheiral havia dito.

Depois de mais algumas palavras de um companheiro, encerrou-se o excelente meeting, que em todos deixou muito boa impressão.

O comicio do Bom Retiro

Apesar do aguaceiro que caía á hora marcada, teve logar, no domingo passado, á noitinha, um outro comicio com o mesmo fim, nele falando varios companheiros, no bairro do Bom Retiro.

A conducta da imprensa

Embora já se saiba que a imprensa burguesa não póde estar decididamente ao lado da classe trabalhadora, merece ser posta em evidencia a sua conducta em face da agitação promovida pela União Geral dos Trabalhadores.

Pode-se dizer que se fez a conjura do silencio ao seu redor. Do comicio do largo da Sé, por exemplo, só apareceram umas quatro linhas perdidas no fundo de espichadas colunas.

Enfim, podia ser peor...

A atitude dos comerciantes

Como gente amante do socego, vão os varejistas se acomodando com as promessas dessa raposa velha que é o secretario da Fazenda.

De transigencia em transigencia, acabarão por ceder.

Depois, já se sabe, o povo é que terá de suportar um novo aumento no preço dos generos.

Mas tambem o exemplo do que se está fazendo na Espanha e em Portugal poderá servir... E será melhor assim.

A Platéa, *noticiando que no sertão da Paraiba chovia copiosamente, após muito tempo de seca terrivel, deu a essa noticia telegrafica este ultra-comico titulo — «Deus protege o Brasil».*

Isto até parece coisa do tempo em que se amarrava cachorro com linguiça e ele morria de fome.

Se o tal Deus mandou a chuva depois da seca, porque não evitou esta?

MENTALIDADE RELIGIOSA

UMA RESPOSTA ACERTADA

Tinha-me sido dado como criado um buriata convertido, chamado Guerasime Bataiey... Enquanto Ostrowetski vigiava o concerto da equipagem, fui com Guerasime até um *ombosse*, que se erguia no ponto mais elevado do planalto. Em terra buriata e em toda a Mongolia, acham-se ombosses, que são ramos de arvores ensarilhados, parecendo de longe moitas enormes. Neles estão suspensos papeis ou panos, nos quais ha orações escritas. No interior, no chão, vê-se arroz, assucar, chá ou tabaco: são oferendas feitas pelos crentes que passam aos espiritos que sempre é bom tornar propicios.

Acabava eu de fotografar o ombosse, quando, ao voltar-me, me pareceu ver que Guerasime atirara uma moeda para debaixo dos ramos; ao cair, a moeda produzira um som caracteristico. Aproximei-me e vi no chão, no meio das outras ofertas, uma moeda de dois kopeks.

—Tu dás oferendas ao deus mongol! Eu supunha-te cristão, disse eu a Guerasime.

—Certamente, respondeu-me o criado; até nasci de pais convertidos desde a infancia á religião cristã.

«Depois, encolhendo os ombros, ajuntou:

— O nosso Deus, sabe? quando lhe peço alguma coisa, nem sempre ma concede. Por isso agora, quando se me oferece ocasião, dirijo-me tambem ao deus mongol: se um não dá o que eu desejo, talvez o outro seja mais liberal.

— Mas a qual deles agradeces tu, quando é satisfeito o teu desejo?

— Ora! disse-me tranquilamente Guerasime, como quer o senhor que eu saiba qual deles teve dó de mim? Não agradeço a nenhum!...»

P. Labié.

O teatro e a Igreja

Nessa semana, que se aproxima, essencialmente carnavalesca, a quê o vulgo, chama — *Semana Santa*, existe uma determinação polical multi-estupida, como afinal sóe ser toda a ordem da policia.

Consiste essa determinação em prohibir as representações teatrais, quando não sejam inteiramente sacras.

Corporisa esta arbitrariedade um desmerecido protecionismo ao cinematografo, que, achando-se só em campo sem a concorrencia dos espetaculos dramaticos, tem, na tal semana, a de maior lucro em todo o ano.

Sangrando a paciencia do publico com a vida, paixão e mais miudesas de Cristo, confeccionando, de Biblia nas unhas, diferentes films de estafados assuntos religiosos, veem, policalmente autorizados, os emprezarios do cinematografo, abrindo maior fundura no depauperado organismo teatralista.

Assim, Igreja e autoridade, duas entidades que se completam, concorrem, desta fórma, para o prejuiso da maior de todas as artes, qual é a arte dramatica.

Indiferentes e arqui-preguiçosos, não quizeram os trabalhadores do palco reagir contra mais esse assalto aos seus direitos, preferindo descançar esses dias a empreender qualquer movimento de reação.

E' habito velho nos artistas não praticar coletivamente alguma coisa que lhes possa trazer bem estar e equitativa recompensa aos seus esforços. Pondo de parte interesses, brio, dignidade profissional, o artista dramatico vive num scenario estrictamente desafogado, com a miseria a bater-lhe á porta. Mormente no Brazil, ele, desprestigiado, vive a vida canalha dos cafés, indiferente a qualquer assomo de reivindicação coletiva, ora artista, ora mendigo, abrindo a sua casa hospitaleiramente a todos os seus irmãos em arte, que doutros paizes veem, mas ficando ele na rua lamentando-se da sua fraquesa e do seu isolamento. Pouco cioso do seu nome, da sua justiça, sem grande amor á sua arte, jamais pensou em se agremiar, cogitando de uma associação de classe, e, recebendo, assim, lições sociais dos cocheiros e chauffeurs de praça, que, em materia associativa andam-lhes adiantados.

Não são isto vagas afirmativas de retorica, mas a verdade pura dos factos, e, para prova, aí está a tal disposição policial cinema-religiosa.

Admitindo, por hipotese, as vantagens do cinema, deduso que o seu lugar deva ser no colegio. Aí terá, talvez, a sua aplicação em lições de... geografia. Em tais condições, o cinematografo tornar-se-á um excelente amigo das crianças e dos... oculistas.

Mas, sendo a função social do teatro um complemento da escola, não póde haver autoridade nenhuma com o poder de prohibir, nesta ou naquela data, sob este ou aquele principio, o funcionamento regular da escolaridade.

A rasão, pois, da ordem policial sistematiza-se no interesse de deprimir o teatro em beneficio do cinematografo.

E senão, vejamos:

Enquanto na Semana Santa as companhias dramaticas fecham as suas portas ou exibem peças de sabor religioso, a autoridade permite que as empresas cinematograficas confeccionem qualquer programa, sem obedecer, entretanto, ao rigor dispositivo que aplicam ás empresas teatrais.

Assim, o ano passado, na Capital Federal, por não terem peças temperadamente religiosas, deixaram de trabalhar as companhias constituidas dos teatros: "S. José", "Carlos Gomes", "Palace Theatre", "Pavilhão Internacional", "Rio Branco" e "Chantecler", dando-nos, ao contrario, emprezas cinematograficas os films que lhes apeteceram, sacros ou não, com a devida autorisação policial.

Tivemos no "Pavilhão Internacional", "O filho prodigo", tão sacra, como o "Cachorro da Mulata"; na "Maizon Moderne", a "A mendiga" e "Dois bons corações"; no "Avenida", "Uma hora de angustia" e "Coração de mulher"; no "Ideal", "As duas nobrezas", "Excursão sobre o Sêna" e "Gaumont Jornal"; no "Parisiense", "A sombra do Mal", (204 quadros), "O colera morbus", (comedia da Nordisck); no "Parque Fluminense", "Uma lagrima que não se perdeu", "A calunia", "A vida nas Indias", "Destino de vagabundo" e "Os tumulos de Anau".

Isto, constituiu o programa de quinta-feira santa, e, como se vê, resalta claro o aludido abuso. Por curiosidade, eu proprio assisti a algumas dessas sessões e posso garantir que foram tão sacras como o "Fado e Maxixe" ou o "S. Paulo Futuro", notadamente, a comedia da Nordisck.

Com que direito, pois, a policia, escudada numa tradição da Igreja, — a secular inimiga e concorrente do teatro, — proíbe os espetaculos dramaticos, permitindo que o cinematografo funcione, explorando os assuntos que lhe apraz? E' golpe indigno, extorsão afrontosa que a autoridade pratica.

O teatro é o elemento da vida social artistica de um povo. Influencia na rasão de ser das sociedades, e, concomitantemente, fotografa o estado adiantador da sua civilização. Como o professor comunica aos discipulos as invenções dos sabios, o actor transmite ás camadas populares a vida das sociedades, o jogo das paixões, as determinantes psicologicas dos caracteres. Como o professor, ele educa igualmente, notando-se que maior influencia directa exerce nos povos, porque mais cala no intimo das multidões.

Não fosse o horror de uma cultura artistica desorientada e o cinematogafo sucumbiria entre os braços dos seus exploradores. Não fosse o acanalhamento artistico dos profissionais de teatro, neste paiz, um facto, e a autoridade não se atreveria a esbulhar os multiplos interesses dos artistas brazileiros, em ganho de maiores lucros ás emprezas cinematograficas.

Tivessem os artistas brazileiros por si a sua associação de classe, vigorosamente organizada, apta a defrontar-se com os assaltantes de todos os seus direitos, compreendessem eles melhormente os seus deveres artisticos, sentissem pulsar dentro de seus peitos aquele amor ardente, nobilitante que a sua arte, prodigamente, merece, e não mais principio dogmatico algum da Igreja viria fechar-lhes as portas do seu templo.

A Igreja!... A mais desleal concorrente da arte dramatica, com as suas funcções teatrais á porta aberta, sem custo de ingressos. A casa de espetaculos onde os beneficios mais rendem, não em favor dos humildes e dos miseraveis, mas em interesse de

«Ventrudos fradalhões de larga ventał»

que castigam o corpo, cristinanissimente, devorando

«Tenrissimos frangos de alourada carne!»

A Igreja!... o unico centro de reunião que o Estado — essa outra anacronica engrenagem — ainda não resolveu coletar, apesar dos enormes lucros auferidos.

Artistas brazileiros! meus irmãos em arte e em miseria, erguei-vos, afinal! Fundai a vossa associação, empreendei essa luta do Direito, obedecendo á inspiração de ideias e principios, despresando os odios e os interesses. Conquistai o vosso lugar de justiça, neste paiz de beleza e de sol, e tereis mostrado, triunfantemente, que sois, alêm de artistas, verdadeiros homens.

S. Paulo, fevereiro 1916.

Romualdo Figueiredo.
(Artista dramatico).

Ha pouco tempo, em Londres, era conduzido á forca um velho modelo de atelier, *de longa barba branca, o qual servira por vinte anos de tipo a todos os pintores para o Padre Eterno.*

— Quem é aquele homem que vai ser enforcado? pergunta um transeunte.

— E' o «Padre Eterno.»

— O Padre Eterno?! E' uma familia sem sorte! Primeiro o filho, depois o pai!

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 82

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 105, engraxate.

DE PARIS

Unanimidade Nacional?

Um dos meus amigos, parafraseando aquele adversario da policia que jurava manter-se honesto toda a sua vida para não vir a ter relações com os gendarmes que ele odiava, dizia-me um dia: — Ignoro a que evoluções me levarão as minhas sucessivas concepções politicas ou filosoficas; mas o que posso afirmar bem alto *é que nunca evolucionarei para a direita: essa gente causa-me demasiada repugnancia.*

Os conservadores de todos os matizes que deveriam por pudor observar um silencio tão prudente como profundo, são pelo contrario como os gagos devorados por uma sêde insaciavel de falar.

Uns, os legitimistas, já se esqueceram porventura dos emigrados de Coblença e da coligação das potencias europeias — *com a Prussia á frente* — por eles solicitadas para esmagamento da democracia nascente?

Já não se recordam dos exercitos dessas mesmas potencias que vieram em 1815, apoz os horrores da invasão, tornar a pôr no trono o predecessor daquele que, a despeito dos factos e da historia, continúa a ser para eles o soberano do seu coração, que de modo nenhum eles perdem a esperança de ver de novo tornar-se arbitro dos destinos franceses?

Quanto a outros, não deveria bastar para deles obter maior reserva o confronto entre esses dois monstros, Napoleão e Guilherme, que com um seculo de intervalo, devorados pela mesma ambição, atingidos ambos pela mesma loucura de conquistas, puseram a Europa a ferro a fogo?

Quanto aos republicanos, clericais e concordatarios, que com seus irmãos monarquistas consideram a unidade nacional e o desarmamento dos partidos apenas como um passo imenso para o triunfo da fé e que crêem firmemente ou pelo menos tentam sugerir que, depois desta guerra, as turbas transviadas farão um justo regresso *ao ideal de justiça e de bondade que é a santa religião*, devemos qualificar a sua impudencia de candura inconsciente ou de simples cinismo?

Em todas as épocas, deu a Igreja prova de completa ausencia de desinteresse; quando dá, põe a juros; o menor dos seus actos implica, bem calculados os lucros e perdas, a inexoravel prossecução dum fim.

Os seus adeptos entregam-se actualmente a verdadeiros atentados contra a consciencia universal; em suas folhas, a guerra, que mantinha outrora, apesar dos seus horrores, uma especie de nobreza e de grandeza selvagem, é apresentada a uma luz tão odiosa, em virtude do despreso com que sem medida nem discernimento acabrunham o adversario, que parece mil vezes mais atroz.

Em seus escritos, cada linha dos quais é um convite sem disfarces ás piores represalias, domina uma preocupação imbecil e sistematica de denegrir.

E' paradoxal, mas consolador, consignar que, nestes tempos de ruinas, lutos e morte, é de labios incredulos e ateus que saem as unicas palavras de verdadeira piedade.

Esses senhores da reacção ultrapassam na verdade a medida do permitido. Não chegam eles a predizer que, depois da guerra, os ultimos trinta anos, periodo de erro — lêde: de progresso social — serão seguidos por uma reconciliação geral entre todos os franceses, filhos da mesma Igreja, aos pés dos altares desta?

— Desde então, acrescentam eles, saida do atoleiro anticlerical onde chafurdava, a França retomará o seu posto á frente das nações e marchará para a luz e para o progresso.

Sou por certo tão inimigo como qualquer outro da cultura germanica, no que se refere á odiosa manifestação dos intelectuais alemães que se declararam com a ostentação sabida solidarios com o militarismo e o Kaiser, consagrando assim a má fé, a crueldade e a violencia; mas algumas duzias de alemães não são a Alemanha toda e eu compartilho com toda a gente de bom senso esta opinião: a despeito das excomunhões e anátemas, a cultura alemã ha-de subsistir.

Os defensores do trono e do altar aconselham o aniquilamento da Alemanha até os alicerces, a resposta ás atrocidades teutonicas com terriveis represalias; o que eles se absteem de confessar é que, instigando assim a execessivos rigores, o seu intuito é avivarem e perpetuarem entre os povos o odio que receiam ver desertar do nosso planeta, o que no entender deles seria um penhor demasiadamente certo de paz universal, por eles rejeitada a todo custo.

Ah! é uma felicidade para a humanidade não passar dum mito esplendido, de origem puramente humana, Jesus de Nazaré, cuja admiravel figura tão nitidamente sobressai da noite dos seculos e aujo preceito essencial foi o seguinte: amaivos uns aos outros!

Com certeza, como divindade, apesar da sua paciencia e longanimidade, vendo os seus dogmas e principios calcados aos pés com tanta desenvoltura precisamente por aqueles que os deveriam exaltar e propagar, havia de obter de seu pai outro diluvio, sem Noé nem arca desta vez, e a Terra, viuva dos seus habitantes, continuaria a sua eterna gravitação, sem ter sido perturbada por um só instante a ordem do universo.

Gustavo Lequeux.

A's armas!...

> O *seu* Wenceslau Braz, presidente desta encrencada e avacalhada Republica, e o general Gaitano de Farinha, ministro da Guerra, estão resolvidos a executar, ainda este ano, em época determinada, o serviço militar obrigatorio. *(De diversos jornais).*

Estamos perdidos, caros leitores; deeta vez a coisa vai mesmo; e eu que não esperava mais por tal! Não vale a pena ser otimista. Vamos encarar a questão pelo sério, do contrario teremos de, muito breve, pegar no pau furado e marchar, ao som dos tambores e do resto dos instrumentos dos quais agora não me recorda o nome, para a fronteira, pois que os argentinos já se estão preparando para nos atacar e os alemães, assim que a guerra acabar, virão tomar conta de Santa Catarina.

Que futuro negro nos aguarda! E eu que tenho um medo horrivel de guerras e até de armas de fogo... E ter que marchar para os campos de batalha!...

Mas os meus planos estão traçados, e saberei executa-los, caso a isso seja obrigado. Fugir do campo da luta, naturalmente não poderei, por isso imediatamente pegarei no meu revólver e darei um tiro bem na ponta do dedo; isso dará motivo a que eu faça um banzé de cuia, só para que a cruz vermelha me venha buscar e leve para bem longe do perigo. Arriscar a minha pele em defesa da patria! isso não! isso não! Não contem comigo porque é tempo perdido! Se o primeiro plano falhar, tenho outro: entregar-me prisioneiro para evitar que alguma bala perdida me venha encontrar. Então fornecerei varios segredos ao inimigo com a firme condição de me mandarem para Buenos Aires, pois tenho uma forte simpatia pelas belas «muchachas» argentinas...

E os senhores ainda serão capazes de dizer que não sou amigo da patria e do serviço militar obrigatorio? Então desculpem... mas os senhores não me entenderam...

Ricardo.

"A Lanterna" em Belo Horizonte

vende-se na casa dos srs. Giacomo Aluotto & Irmão, á rua da Bahia, 986.



Um aspecto do comicio da União Geral dos Trabalhadores, no largo da Sé

A «TOLERANCIA» DO PAPA

POUCA PRETENÇÃO!

Com o papelucho catolico-romano «A Busula», de Juiz de Fóra.

Com o titulo de «Tolerancia do Papa», «A Busula», jornal catolico pertencente a uns padres alemães com residencia em Juiz de Fóra, publicou um longo artigo que, logo á primeira vista, deixa transparecer a intolerancia brutal dessa gente pelas normas que uma nação verdadeiramente constituida adotou.

Causa-nos naturalmente revolta o que eles dizem, afirmando a vontade dessa classe que, cada vez mais, vem sobrecarregando toda a humanidade com as suas torpezas e crimes de toda a sorte.

Dizem eles que o *sumos pontificio* é que dá ao papa a posição internacional no concerto das nações, sendo tambem seus os estados pontificios, e mesmo a propria Roma é a ele pertencente pelo poder divino, que equivale, em regra comum, a um "direito internacional" (!). Continuando, eles clamam contra a violenta desligação desses estados pontificios do poder da Igreja, afirmando que o papa, pastor de mais de 300 milhões de fieis, em todas as esferas da vida, quer familiar, civil ou privada, tem o direito inconteste sobre esse territorio, cabendo, portanto, agora, no final da presente guerra, a Alemanha restituir ao chefe do catolicismo os antigos estados pontificios!!!

Vão ainda mais longe; acham que o papa não póde continuar prisioneiro em seu proprio palacio numa cidade que só a ele pertence, porque, conforme a "doutrina", o primato do pontifice de Roma não é só um "primato de honra" e sim um "primato de jurisdição e autoridade".

Acham, tambem, que a alçada do poder do papa, alêm dos estados pontificios, deve estender-se a todos os paizes do mundo, porque ele é o legitimo representante de Deus e o unico, de direito, a governar.

Que a sua monarquia legalmente constituida em 1631, destruida depois por Napoleão, tornou a ser reorganizada em 9 de julho de 1815 pelo Congresso de Viena, sendo o seu governo entregue ao papa, aumentando, assim, os dominios e o tezouro de São Pedro.

Afirmam, em nome de Deus, ser um crime de lesa-magestade o esbulho de suas provincias pelo governo italiano, em 1870. Terminando, eles antegosam a vitoria da Alemanha, certos de que, com a possivel mudança do mapa geografico da Europa, caberá um grande dominio ao papa!!!

Uma pessoa culta que lê isso, vê logo um amontoado de pretenções absurdas e inqualificaveis, porêm, muitos catolicos praticos, digo mesmo a grande maioria deles, talvez, achará excelente fazer-se, como querem eles, do papa o rei do mundo.

Deixo, portanto, entregue aos proprios leitores o comentario dessa aberração fenomenal, feita pela "A Busula", certo de que todos lhe acharão muita graça.

Acreditam eles que com a mesma farçada com que se faz um papa, se modifica um governo, uma nação e um povo.

Póde o articulista da "A Busula" esperar embalado nessa doce ilusão.

O papa virá a ser mesmo o rei do mundo, todos nós passaremos a andar de batina, ficará proibido o casamento, far-se-á uma reforma radical nos nossos usos e costumes, a hostia será o nosso almoço e tambem o jantar. Vai ser uma grande pandega. Voltaremos a viver no paraiso de Adão, fazendo rigorosas abstinencias e sacrificando as nossas necessidades fisiologicas. A especie crescerá assombrosamente, sendo todos filhos de Deus e afilhados dos pastores de Cristo, etc., etc.

Sentirei, entretanto, reverendissimas criaturas, que esse vosso sonho de exploradores venha a ser perturbado com uma carga explosiva que ruirá brevemente por terra papa, Vaticano, clero e tudo...

E' o que me parece mais logico, possivel e... rasoavel.

Belo Horizonte, 4—2—916.

Augusto Soares Alves.

✤ ✤ Queremos que o nosso jornal, seguindo a orientação moderna da imprensa independente, seja uma tribuna de livre discussão, para a investigação sincera da verdade e como um éco ás largas aspirações do nosso tempo.

Ao bater das enxadas

Revolve a terra, lavrador,
Que anda por tudo o sol esparso,
Nessa explosão de luz e amor
Que aós campos traz o mez de março!
Florido enterro da semente
No seio amigo duma cova,
Para que surja viridente
A planta e dê semente nova...

Mas ai! Quando a Mãe Terra estremecer no parto
E este humus palpitar em fibra, em folha, em flor,
Um outro colherá o que plantaste e farto
Ha-de correr contigo, ó pobre lavrador!

Depois ao longo dos caminhos
Orfão de amor, judeu sem lar,
Errante como os passarinhos
Que Junho-Mau faz emigrar,
Verás o fruto abrindo na haste,
De um rubro sol ao doce banho...
Fome terás tu que plantaste
E enriqueceste a algum extranho!

Não vás te revoltar contra essa dor suprema
De ver teus filhos nús e ricos os ladrões;
Dirão — «O mundo é assim, ha quem cante e quem gema»
Para os pobres sómente ergueram-se as prisões!

E se teu corpo não resiste
A tanta magua e tanta dor,
Num hospital gelado e triste
Terás teu fim, ó lavrador.
Nem mãos amigas e nem prantos...
São enterrados todos juntos...
Que existe até no Campo Santo
O bairro pobre dos defuntos!

—

O sol esplende no alto... A torreira em começo.
Zumbidos de verão nas arvores copadas...
Eu caminho no campo e estas estrofes teço,
Cadenciando o meu verso ao bater das enxadas!

Afonso Schmidt.

RIFA EM FAVOR DA "A LANTERNA"

Conforme noticiámos em nosso numero 284, um amigo da *A Lanterna* presenteou-a com uma boa porção de bilhetes da rifa de um terreno.

Infelizmente, porêm, não houve o tempo necessario senão para remete-los a uma pequena parte dos nossos assinantes, muitos dos quais ainda no-los devolveram.

A rifa correu no dia 21 do corrente, sendo premiados os bilhetes com numeros — **26896 — 57887 — 50724 — 3348.**

⁂

Todas as pessoas que não nos devolveram antes do dia do sorteio os bilhetes que receberam, são devedoras ao nosso jornal da sua importancia, devendo remete-las com a maxima urgencia para Edegar Leuenrote, Caixa Postal — 195, S. Paulo.

Secção amena

O reverendo Jorge Gordon, de Boston, num dos seus sermões, arrebatado pelo seu desejo de sacudir a indiferença dos fieis, deixara escapar o seguinte: «Parece-me ás vezes que os cristãos são tudo quanto ha de mais estupido no mundo.»

Contando um dos ouvintes a coisa em casa, ao jantar, acode um pequeno, seu filho:

— Não acha que ele não fez bem? Entre os ouvintes, podia estar algum cristão!

— Que fizeram nossos primeiros pais, depois da queda?

— Fizeram folhas de figueira.

— Os leões vão para o céu?

— Que pergunta, filhinha! Não vão, é claro.

— E os missionarios? vão?

— E' claro que sim.

— E quando um leão come um missionario, como é?

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda se estende animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos.

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Em Porto Alegre — Sr. Martiniano Gregorio dos Santos, rua General Camara, 56-A.

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

Historia de Gatuno...polis

SUMARIO: — ANTECEDENTES HISTORICOS — O QUE LEVARAM OS PORTUGUEZES E O QUE FEZ O CLERO — DEPOIS DA INDEPENDENCIA, O QUE NOS CUSTAVA O CLERO E OS DOIS PEDROS — REVOLTA E TRANSFORMAÇÃO DE REGIMEN EM GATUNO...POLIS

Gatuno...polis é um belo paiz, situado no extremo meridional da America; possue caudalosos rios e altas montanhes; teem 21 estados, 8,337,218 ks. e 25 milhões de subditos (1).

No ano de 5504 da criação do mundo (1500 da nossa éra), um portuguez, por acaso, descobriu-o, dando conta aos seus patricios, que imediatamente se o repartiram como quem parte queijo ou salame.

Em 1502 aportaram a Gatuno...polis os primeiros corvos de Roma, que logo foram seguidos de outros muitos enxames, de sorte que pouco mais de um seculo depois, essas aves de rapina já possuiam 30 fazendas num Estado de Gatuno...polis, situado no extremo norte e ao qual chamam Bahia (2).

Logo que se apossaram de Gatuno...polis, os portuguezes escravisaram e exploraram avidamente, auxiliados pelos corvos de Roma, todos os seus habitantes, aos quais negaram, perentoriamente, não só a liberdade natural, como até a existencia da alma (3).

Consideraveis foram as patacas que, em pouco mais de 3 seculos, de Gatuno...polis os portuguezes arrancaram, havendo mesmo quem afirma que passaram de 2,000,000 de contos (4).

Por seu lado, as aves de rapina romanas não dormiam, e, pretextando uma fé hipocrita, implantaram a inquisição, naturalizaram-se filhos do paiz e começaram a atacar os lavradores ricos. Em menos de 130 anos, mandaram para os queimadeiros de Lisboa mais de 500 destes desgraçados, e «em cujos expolios foram achados grossos e excelentes cabedais» (5), que serviram, não para saciar, mas, ao menos, para mitigar a voracidade dos corvos romanos.

Isto sucedeu de 1623 a 1739.

A 7 de setembro de 1822, Gatuno...polis proclamou a sua independencia e se constituiu em monarquia.

Os negros emissarios de Roma, desde ha muito agarrados de unhas e dentes, como a ostra á pedra, ao territorio de Gatuno...polis, estavam ricamente dotados em todos os recantos deste grande paiz, de norte a sul, e de éste ao oeste, do sorte que, em 1832, a *Historia Financeira de Gatuno...polis* já destacava no seu orçamento as seguintes quantias para as harpias romanas domiciliadas em cada Estado do grande paiz de Gatuno...polis:

Espirito Santo.	6:207.000
Baía.	220.000
Sergipe	60.000
Ceará	388.000
Piauí	500.000
Pará	2:900.000
S. Paulo	3:073.600
Santa Catarina	300.000
Minas-Gerais	3:000.000
Matto-Grosso	1:000.000

Isto, só para a catequisação dos filhos da terra ainda de tanga, porque, quanto para a clericapula propriamente dita, seus guisamentos, pasamentos e mais acabados em *mentos*, as quantias eram estas:

Provincia do Rio de Janeiro:	
Igreja catedral	53:333.334
Inspector da capela . .	1:000.000
Burla da cruzada. . . .	1:400.000
Mitra	800:000
Paracos, etc	17:020.820
Provincia do Espirito Santo:	
Parocos, etc.	3:617.480
Da Baía:	
Parocos, etc..	29:442.200
Cermelitas calçados . .	45.000
Descalços	83.000
(E' pena que não houvesse nús!)	
Missões	120.000
De Sergipe:	
Parocos, guisamentos, etc.	1:920.200
De Alagoas:	
Parocos, etc.	1:759.560
De Pernambuco:	
Catedral, parocos, guisamentos e outros mentos	14:360:980
Convento do carmo . .	45.000

Do Recife.	100.000
Aos beneditinos	90.000
Da Parahiba:	
Parocos, guisamentos, etc.	2:430.800
Convento do carmo . .	50.000
Do Ceará:	
Parocos, etc	2:240.400
A 2 vigarios e 24 coadj.	760.000
Do Maranhão:	
Catedral, parocos, guisamentos e outros mementos	13:590.330
Do Piauí:	
Parocos, etc.	750.000
De S. Paulo:	
Catedral, parocos, guisamentos e outros gatunamentos	29:598 360
Convento do carmo . .	45.000
De Santa Catarina:	
Parocos, guisamentos e outros filamentos, etc.	1:857.440
De S. Pedro:	
Parocos e guisamentos	5:020.067
Congrua a um vigario	33.000
De Minas Gerais:	
Catedral, parocos, guisamentos e outros clericrapulamentos	28:011.214
Congrua a uma «aguia»	66.660
De Goiaz:	
Bispo, parocos, etc. . .	4:785.000
Visitas do bispo	1:000.000
De Mato Grosso:	
Bispo, parocos, guisamentos e outros rapinamentos	2:792.000

Além dessas quantias, cada bispo recebia 4:000$000 de réis para o reparo e paramentos de paroquias pobres, e que, sendo 9 ao todo, somavam 36:000$000 de reis (6).

Niteroi, dezembro de 915.

José Martins.

Dados e fados para servir á *Historia de Gatuno...potis:*

(1) E. Réclus, *Resum. de Geog. Univ.*, p. 1029 a 60; F. I. C., *Terr. Ilustrad.*, p. 572 a 96; M. Lacerda, *Curs. Meth. de Geog.*, p. 427 a 97; Pinheiro, *Epit. da Hist. do Brasil*, p. 28.

(2) R. Pombo, *Hist. do Brasil*, t. III, p. 413; t. V, p. 251.

(3) R. Pombo, t. II, p. 563, *not. de nota.*

(4) R. Pombo, t. VI, p. 230, *nota;* Cantú, *Hist. Univ.*, vol. XVII, p. 228, *nota.*

(5) Palavras de R. Pombo: *Hist. do Brasil*, t. V, p. 660.

(6) Castro Carreira, *Hist. Fina. do Brasil*, ps. 135, 160 a 169; Rio, 1889.

Aos assinantes

Na Paulista

Começou, ha varios dias, a percorrer a linha Paulista, visitando todas as suas localidades, o nosso companheiro Vicente Amodio.

Estamos certos que este aviso bastará para conseguir dos nossos amigos e assinantes dessa zona o apoio de que carecemos afim de sustentar a nossa obra.

Para a boa vontade de todos fazemos um caloroso apelo.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

500 exemplares	....	60$000
300 » »	....	42$000
100 » »	....	14$000
50 » »	....	7$000
Avulso	....	200

PELAS NOSSAS ESCOLAS

A INTERESSANTE "VELADA" na Escola Moderna n. 1

Realizou-se no dia 12 do corrente, á noite, em sua séde, á avenida Celso Garcia, 262, a anunciada festa escolar ao ar livre, cujo programa constou de cantos de hinos escolares, recitação de poesias escolhidas, cançonetas e dialogos pelos alunos da mesma e uma conferencia pelo secretario da Sociedade Escola Moderna de S. Paulo, Leão Aymoré.

A festa foi dividida em duas partes uma literaria, que se realizou num tablado, ao ar livre, no quintal da escola, e outra diversiva, que constou de quermesse e baile familiar, que foi realizada nas salas de sua dependencia.

A concorrencia, á despeito do mau tempo, foi bastante regular, e a festa, que esteve animada, durou até á manhã do dia imediato.

A parte relativa á recitação de poesias foi perfeitamente desempenhada pelos seguintes alunos, que recitaram: Bruno Bertolaccine, *Ternura de Mãi, O Papão* e *O Lobo e o Cordeiro*; Francisco Tugnoli, *Arte;* Edmundo Scala, *Palavras da Terra;* Marcelina Bari, *Minha mãi* e *Meus dedos;* José Monteiro Cortez, *Meu relogio*; Maria Faggioni, *Sombra;* Lidia Tufi, *Foi para isto...*; Georgina Diniz, *Rotação da Terra;* Isabel Gregorio, *O Livro;* Laura Borges, *Guarda-sol;* Catarina Bari, *Duas Auroras* e *Ama;* Gumercinda Gonçalves, *A Mentira;* Ernesto Tozzato, *O Grilo.*

Foram cantados, em côro, com acompanhamento de musica por uma orquestra: *A Marselheza da Paz, A Pimentinha, O Gaturamo, O Sabiá* e *Nas Campinas.*

***

Projecta-se, para breve, a construcção de um palco scenico na dependencia da Escola Moderna n. 1, que servirá para a representação de comedias e dramas pelos alunos.

***

Contribuiram com prendas para a quermesse as seguintes pessoas: Luiz Cardoso, um pacotinho de deces e um brinquedo; José Priore, tres brinquedos; Antonio Andreghette, doze garrafas de gazosa; Humberto, oito charutos; Domingos Passos, um copo; João Casadei, um copo de fantasia; Acacio Guedes, um prato de uvas; Santinho, um vidro de estrato; Isabel Gregorio, uma lata de goiabada; Gumercinda, uma lata de goiabada; Catarina Bari, uma garrafa de de groselha e uma garrafa de limão; Joaquim Carvalho, um aparelho de moringue; José Ginarelli, uma garrafa de vinho moscato d'Asti; D.a Carlota Chiodi, 6 livros, 5 limpa-penas, um babador de crochet e duas latas de marmelada Primor; Bruno Bertolaccini, um paliteiro; Alfredo Tramonte, oito charutos; Crociate, meia libra de chocolate; Caetano Casela, um quilo de bolacha; Emilio e Renato, 2 latas de doces de maçãs e 2 de goiabada; Lidia, uma lata de marmelada; Francisco Tugnoli, uma moringue e um copo; Maria José da Silva, um galo; Edmundo Scala, um par de chicaras douradas; Domingos Bianchini, uma garrafa de vinho do Porto; Antonio Stabile, um copo de fantasia; Georgina Diniz, uma garrafa de vinho do Porto e uma cestinha de vidro; José Monteiro Cortez, dois sabonetes; Ernesto Tozzato, uma garrafa de anisete e uma de cerveja; Angelo Bertazzi, um copo; Maria Rosa, uns ovos; Virginia Cesare, duas latas de goiabada; Antonina Parentes, um copo de fantasia; Elisa Santorio, uma caixa de pó de arroz; Palmira Lopes, uma lata de marmelada; José Sans Duro, uma lata de geleia; Egisto Colli, uma porção de doces sortidos; José Cerrutti, tres garrafas de licores finos; José da Silva, uma lata de marmelada e um copo de fantasia; Maria Faggioni, uma garrafa de vinho italiano e um copo; Laura Borges, uma garrafa de anisete; Manuel Rodrigues, um par de chicaras, um copo e uma garrafa de laranjinha; Inês Krask, uma garrafa de laranjinha; Ana Krask, dous copos de fantasia; Antonio Pereira da Silva, nove folhetos; Giordano Marinho, um frasco de vinho Chianti; Manuel da Silva, uma garrafa de anisete; João Ferreira, um ramalhete de flores artificiais; Edmundo Mazzone, um copo; Antonio Silva, meia duzia de copos; Antonio Musitano, 5 vidros de sabão quimico e perfumarias.

O arcebispo D. Silverio Gomes Pimenta, de Mariana, dirigiu uma pastoral aos parocos de sua arquidiocese, ordenando a campanha aos exageros da moda das saias curtas, decotes e talhes revelando cruamente as fórmas, dizendo que o perigo da degenerescencia dos costumes é a destruição da pudicicia salutar.

Já viram mais refinado tartufo? Um bispo da Igreja — poço de todas as imoralidades — alvorar-se em defensor da pudicicia!

Quando o padre Faustino Consoni, o estuprador, se proclamou virgem e santo, não deve admirar que d. Silverio se faça patrocinador da murigeração dos costumes.

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nosso leitores.

* * *

Preço, livre de porte, 2$500.

Aos nossos assinantes do Rio, onde a cobrança é muito dificil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na séde da Liga Anticlerical, á Praça Tiradentes 71, onde todas as noites, das 19 ás 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiniano de Macedo.

O Sagrado Coração de Jesus

E' um folheto de indiscutivel interesse para a propaganda anti-clerical. Nele se descrevem com perfeição as alucinações histericas daquela pobre doida que se chamou Maria Alacoque.

PREÇOS

Um exemplar	....	$200
10 exemplares	....	1$500
50 »	....	6$000
100 »	....	10$000

CARTAS DE ARAGUARI

A INCURSÃO E O SAQUE EPISCOPAL

Nos dias 26, 27 e 28 do mez proximo passado, tivemos, por infelicidade, uma visita do bispo de Uberaba. Essa visita, como tantas outras que a Curia Romana realiza de vez em quando por outras cidades, teve o unico fito de espoliar o povo crente e ignorante.

Não rendeu ela menos de tres contos de réis para o monstro de batina!

O povo, nesses tres dias, correu em massa para a ratoeira que se chama igreja. Quem apreciasse esse espetaculo vergonhoso e fosse imparcial e livre de convencionalismos, tiraria a dura conclusão de que toda a propaganda antireligiosa que os livres pensadores burgueses tèm feito até agora não equivale ao grande esforço que nós, os revolucionarios sociais, temos feito até a presente data.

Nesses tres dias fatidicos, em que se explorou o povo incauto, tiveram eles, os sacripantas clericais, ocasião de evidenciar as forças de que podem dispor. Eram velhos e velhas, homens e crianças que formavam uma massa compacta que, para gaudio da ignominiosa gente, disputava a empurrões a primasia em ser crismada.

No dia da chegada do parasita clerical, o povo andou em rsboliço, homens p'aqui, mulheres para acolá. A banda de musica local acompanhou o povo á estação e á hora da chegada do comboio os foguetes subiam aos ares, a musica tocou e o povo carola, esse povo de sempre que não medita e que tudo faz automaticamente berrou: "Viva o bispo!"

Eu, como antireligioso que sou, senti-me revoltado ao ver esse quadro doloroso!

Pensei no futuro e puz-me a conjecturar como se poderia combater eficazmente a lepra clerical e até me revoltava contra mim proprio por não ter a feliz lembrança de, ao menos, ter publicado um pequeno boletim incitando o povo a que não comparecesse á tosquia. Mas, como diz o velho rifão: para grandes males grandes remedios.

Ficará para outra vez.

E oxalá que Araguarí fique espurgada para sempre desses mensageiros da maldade e da discordia da familia.

9 — 2 — 916.

José Leal.

MENTIRAS DIVINAS

ARTAS AOS RENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricomia.

Um volume de 112 paginas, 2$000

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo da nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	....	200
10 exemplares	....	1$500
50 »	....	6$000
100 »	....	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

UM GRANDE FESTIVAL PRO' "A LANTERNA"

Estamos tratando da organização de um grande-festival em beneficio da nossa folha, que será realizado dentro em breve.

O seu programa constará de uma parte dramatica, outra literaria-musical e de uma quermesse, para a qual os amigos já poderão dar as suas prendas, entregando-as á rua 21 de Abril, 61.

Pequenos écos

Pessoa procurada — D. Francisca de Flores Ferraz, residente em Baurú, á rua B. de Carvalho, 88, deseja saber do paradeiro de d. Maria de Castro Massena, lavadeira e engomadeira, casada e de nacionalidade brasileira.

Comunicações associativas — Comunicaram-nos a constituição das comissões que as deverão administrar durante o corrente ano a União Operaria Beneficente, de Caeteté, e a União Operaria da cidade de Rio Grande, no R. G. do Sul.

Almejamos que as pessoas escolhidas para administradores dessas agremiações trabalhem activamente no sentido de, com os seus associados, orienta-las no sentido de encaminha-las na luta pela emancipação dos trabalhadores do jugo capitalista.

Saudações e augurios — Saudando-nos e augurando-nos felicidades escreveram-nos ou enviaram nos os seus cartões: a Biblioteca Publica Pelotense, de Pelotas; a Sociedade União Operaria, de Rio Grande, R. G. do Sul; sr. Antonio Braulino da Rosa, de Araçariguama; sr. Francisco Lindô, de Brejo, Maranhão; sr. Henrique Maravilha, desta capital; sr. Francisco Dantas de Castro, de Caeteté, Baía.

A todos agradecemos, retribuindo os bons augurios e fazendo votos para que ainda possamos ver pelo menos o principio do fim desta luta em que nos achamos empenhados para o estabelecimento da sociedade libertaria.

Nosso correio — Teem correspondencia em nossa redacção, que poderá ser procurada das 17 ás 19 horas, as pessoas seguintes: Manuel Oliveira, João Alcantara, José Ferreira da Costa, José de Oliveira Magalhães, Antão de Melo.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	. . . .	12$000
50	. . . .	6$500
25	. . . .	3$500
1	. . . .	$200

Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Livraria Moderna, Avenida Rangel Pestana, 169.

Salão de engraxate da Travessa da Sé n. 10-C

«A LANTERNA» EM SANTOS

está á venda na agencia de jornais do sr. José de Paiva Magalhães, á rua Santo Antonio, 86.

FOLHETIM D'A LANTERNA (60)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para A Lanterna

SEGUNDA PARTE

Padilha

CAPITULO III

Onde se vê reaparecer Santafierno

— Meu Deus, Senhor! que vos sucedeu?

Maria narrou em poucas palavras o encontro do homem misterioso, o mesmo que outrora se apossara dela, estava certa disso. A boemia pulou:

— Ele! exclamou ela. Outra vez ele! Ah! eu devia ter-vos prevenido!

— Que dizes, mulher? exclamou Maria no auge da admiração. Tu conheces o homem?... Tu sabias...

— Senhora, disse humildemente Gizarra, talvez acheis que faltei ao meu dever, mas erais tão feliz que eu julgaria um crime vir soprar na vossa felicidade. E depois, eu pensava que, tornando-vos esposa do senhor Padilha, ficarieis suficientemente protegida. Eu dizia tambem comigo que velaria...

— Mas enfim, interrompeu Maria ofegante, quem é esse homem?

— A acreditar no meu pressentimento, foi ele quem eu vi na catedral, mesmo no dia do vosso casamento. Fôra ele que eu, meio morta, tinha visto na floresta de Santa Cruz e que me empurrou com o pé, em vez de me prestar socorro.

E contou por sua vez os seus dois encontros com Santafierno.

— Ah! senhora, prosseguiu ela, se eu tivesse adivinhado que aquele homem era o mesmo que procurou violentar-vos! Um cavaleiro! e que ia acompanhado por um frade!

— Devemos abster-nos de concluir com demasiada pressa, disse Maria. Tambem hesito em crer que um fidalgo, por mais baixo que tenha caido, possa ser cumplice de salteadores.

Todavia a filha do marquez de Mondejar não ignorava que certos fidalgos levavam uma vida das menas edificantes. Outrora ouvira seu pai queixar-se do mau comportamento demasiadamente escandaloso de alguns deles que levavam o aviltamento até a fazer batota no jogo e a comer carne á sexta-feira!

— Quem é Santafierno? perguntou ela. Decerto um nobre de origem recente, pois não conheço tal nome.

No tom com que ela pronunciou estas palavras, não havia vaidade alguma de casta, mas apenas surpresa, pois que, habituada a ver o marquez lidar com fidalgos, não desconhecia os nomes das velhas familias castelhanas.

— Quem é Santafierno? repetiu Gizarra. Ah! senhora, aqui é que a cabeça se me confunde, parecendo que estou sonhando.

Maria deixara-se cair numa cadeira. A boemia, de pé diante dela, continuou:

— Ha um quarto de seculo que resido nesta região, e aprendi muitas coisas sobre os seus habitantes, fidalgos, burgueses e plebeus. Eu poderia dizer a origem dos Laras, dos Castros, dos Pachecos, dos Padilhas e de muitos outros. Pois bem ha só meia duzia de anos que ouvi pronunciar o nome de Santafierno.

— Ah! E que se dizia dele?

— Que era um senhor mui religioso, mas devasso e brutal, cuja familia era inteiramente desconhecida.

— E' estranho! murmurou Maria.

O que a cigana acabava de dizer parecia confirmar as peores suposições. Gizarra continuou:

— Mas ha mais, senhora. O que vou dizer-vos parecer-vos-á... parece-me a mim mesma... incrivel: o senhor de Santafierno é todo parecido nas feições, na voz e nos modos com uma mulher que eu conheci bem... a Chipa, gitana como eu.

Desta feita, Maria levantou-se num indizivel movimento de espanto. Poder aquele individuo misterioso, cavaleiro com modos de salteador, ser filho de gitana, era o cumulo!

— A Chipa era minha amiga, prosseguiu a velha mendiga, na época em que ambas eramos jovens e notadas pelos homens. Em consequencia dum acidente, a nossa pequena tribu tivera que se dispersar; foi então que resolvemos, eu e a Chipa, associar os nossos dois destinos. Ela tinha grande habilidade para ventriloqua, o que nos ajudava a ganhar a vida. Percorriamos as aldeias, dançando, fazendo prestigiações e dizendo a buenadicha. Um dia que estavamos num desfiladeiro da serra de Cuenca, do lado de Valverde, desapareceu a Chipa... Nunca mais a tornei a ver.

— E que te aconteceu? perguntou Maria, intessada por aquela narração de vida errante.

Durante muitos dias, procurei a minha companheira pela região, mas tudo foi inutil: ela não deixara vestigios. Pensei que talvez tivesse sido devorada por alguma fera, pois havia ursos na serra e lobos não faltavam. Por fim, achei prudente ir-me embora pois corria o boato de que a Inquisição ia mandar proceder a rusgas para um proximo auto de fé em Valencia. Cigana sem defesa, eu tinha tudo que temer. Parti para Castela.

E Gizarra calou-se, rememorando a sua vida independente e solitaria, as suas viagens, a miseria, depois a velhice.

Maria ficara estupefacta: parecia-lhe um sonho o que ela acabava de ouvir. Aquele pensamento, que Gizarra lhe deixara ler sem ousar formula-lo explicitamente: "o cavaleiro Santafierno, filho duma miseravel cigana", parecia á primeira vista insensato. Contudo, refletindo bem, era impossivel que a Chipa, misteriosamente desaparecida, tivesse sido raptada por algum poderoso desconhecido, e que Santafierno fosse o bastardo não confessado dum fidalgo? Podia assim explicar-se a ignorancia geral sobre a familia dele, bem como a proteção oculta que o fizera aparecer de um dia para o outro na casta fechada dos nobres. Por mais nova que fosse a sua nobreza, não era para desprezar tal inimigo. Antes de tudo, importava avisar Padilha para se acautelar.

Tomada esta resolução, Maria retirou-se, indo ter com Linda e voltando com ela, a passos rapidos, para casa.

CAPITULO IV

A cruz de ouro

Depois de ter deixado Padilha Huerta fôra para a hospedaria da Cruz de Ouro, onde retivera um quarto para aquela noite, á sua chegada a Toledo. O velho medico estava pensativo: gostava dos cumuneiros pela sua sinceridade, entusiasmo generoso e valentia, mas quão timido lhe parecia o espirito deles! Aqueles homens, prontos a lutar contra os ministros estrangeiros com risco da sua liberdade e até da sua vida, ousariam quebrar o jugo da autoriddde regia? Estariam eles á altura das circunstancias?

— Até Padilha recusava desobedecer ao amo! pensava ele com amargura.

Era preciso empurra-los e só o impeto popular o podia fazer.

Huerta vira entretanto com prazer Davolos perfilhar logo a sua opinião num ponto essencial, o de iludir a convocação para Santiago.

Mergulhado em suas reflexões, o velho caminhava devagar atravez das ruas estreitas da cidade. Quando chegou á Cruz de Ouro, o sol purpureava o horizonte com os seus ultimos clarões: ou por outra, eram horas de jantar.

A hospedaria abria-se no rés-do-chão sobre uma sala comum, guarnecida simplesmente de bancos e de mesas, e onde estavam representadas todas as classes sociais, desde o viajante nobre, usando espada á cinta, até ao almocreve armado mais democroticamente com o seu chicote; ali se encontravam do mesmo modo burgueses, mesteirais e frades, comungando a todas as horas do dia sob as especies eucaristicas dos vinhos tintos ou brancos.

Ao fundo, separada desta sala comum por uma cortina de franjas de vi-

(Continúa).